

CONVERSAS VAZADAS COM LAVROV CONFIRMAM SZIJJARTO COMO O ÚLTIMO DIPLOMATA EUROPEU

Vazamentos entre Szijjarto e Lavrov revelam a diplomacia húngara: segurança energética e paz tem prioridade sobre sanções da UE; enquanto Bruxelas articula mudanças de regime, Orbán defende os interesses nacionais.

Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Recentemente, [vazaram conversas telefônicas](#) entre o ministro das Relações Exteriores da Hungria, Peter Szijjarto, e seu homólogo russo, Sergey Lavrov, nas quais ele discute as tentativas de seu país de remover russos da lista de sanções da UE. Ele [publicou no X](#) que as gravações apenas “*provam que digo publicamente o mesmo que digo ao telefone*”, ou seja, que “*a Hungria jamais concordará em sancionar indivíduos ou empresas essenciais para nossa segurança energética, para a conquista da paz, ou aqueles que não têm motivo para estar em uma lista de sanções*”.

Isso é verdade, e também comprova que ele é o último diplomata de verdade da Europa, no sentido de que se envolve com a Rússia apesar da Hungria ter votado contra a Rússia na Assembleia Geral da ONU, o que demonstra que ele entende a importância do diálogo para alcançar a paz e garantir os interesses nacionais objetivos de seu país. Quanto mais o conflito se prolonga, mais frágil se torna a segurança energética da Hungria devido à sua dependência do fornecimento russo, facilmente interrompido, que transita pela Ucrânia, daí os esforços de paz dele e do primeiro-ministro Viktor

Orbán.

No entanto, esses mesmos esforços foram desonestamente retratados como “traição” pela grande mídia, que distorceu a forma como as conversas telefônicas vazadas de Szijjarto com Lavrov foram apresentadas. A percepção é de que essas conversas visam manipular os eleitores para que votem na oposição nas próximas eleições parlamentares. A UE quer subordinar a Hungria, o último bastião conservador-nacionalista do continente, ao liberalismo global. Aqui estão cinco resumos sobre como eles estão interferindo nas próximas eleições:

- 19 de setembro de 2025: [Hungria alertada sobre três planos de Bruxelas para mudança de regime na Europa Central.](#)
- 13 de fevereiro de 2026: [Orbán está certo: a Ucrânia realmente se tornou inimiga da Hungria.](#)
- 12 de março de 2026: [A acusação do Ocidente de interferência russa na Hungria é, na verdade, uma confissão.](#)
- 22 de março de 2026: [Hungria: Istvan Kapitany pode ter sucesso onde George Soros falhou.](#)
- 27 de março de 2026: [Qual é o papel da Polônia na “batalha pela Hungria”?](#)

Teorias da conspiração desacreditadas sobre o Russiagate, como aquela que ganhou falsa credibilidade com os vazamentos das conversas telefônicas de Szijjarto com Lavrov, visam deslegitimar a possível reeleição de Orbán, o que poderia justificar qualquer uma das cinco maneiras pelas quais a UE já está se preparando para lidar com a Hungria nesse caso. O [Político](#) [relatou essas medidas](#), que se resumem a: mudar a forma como a UE vota; introduzir uma “[Europa multi-velocidade](#)”; aumentar a pressão financeira; suspender o direito de voto da Hungria; e possivelmente até mesmo expulsá-la da UE.

Assim como Szijjarto é o último diplomata de verdade da Europa, Orbán também é o último nacionalista de verdade que sempre coloca os interesses de seu país em primeiro lugar, razão pela qual autorizou a diplomacia de Szijjarto com Lavrov. Voltando a isso, não há nada de escandaloso em ajudar cidadãos de um parceiro injustamente sancionados, nem em informá-los sobre como os laços podem mudar devido às suas obrigações com o bloco do qual fazem parte. Szijjarto, portanto, não fez nada de errado, pelo contrário, fez tudo certo, e é por isso que está sendo alvo de perseguição.

A UE não tolera nacionalistas de verdade e os diplomatas que os representam, o que contextualiza suas campanhas não apenas contra Orbán e Szijjarto, mas também contra o [partido alemão AfD](#), os partidos de oposição conservadores e populistas-nacionalistas da Polônia, os [nacionalistas romenos](#) e outros. A diferença entre eles e a Hungria é que seus nacionalistas estão no poder e defendem ativamente os interesses nacionais, razão pela qual a UE trabalha ativamente para removê-los a todo custo.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
